

PROGRAMAS FEMININOS TÊM ESPAÇO NOS VINTE PRIMEIROS ANOS DO RÁDIO NO BRASIL

Tereza Cristina TESSER
Faculdade de Jornalismo/Universidade
Católica de Santos

RESUMO

O Rádio é um veículo maravilhoso. Pelo som e pelas vozes brinca com o imaginário dos ouvintes. Quando de sua implantação no Brasil, há oitenta anos, os artistas precursores lutaram com muita dificuldade e a improvisação foi a escola dos pioneiros. Ao estudarmos os vinte primeiros anos do Rádio, notamos que poucas vezes a mulher é citada como uma pessoa atuante e presente no início das transmissões no país. Porém, as mulheres tiveram uma participação radiofônica, comandavam programas femininos e falavam de suas dificuldades com seriedade. Conheciam o papel que desempenhavam na vida das mulheres. Os programas femininos atingiam um grande número de pessoas e se transformavam, muitas vezes, no grande companheiro das ouvintes.

Palavras-chave: Mulher. Feminino. Rádio.

ABSTRACT

The radio is a wonderful vehicle. It plays with the listeners imagination though sounds and voices. When it was first

introduced in Brasil, eighty years ago, the foreunners had to fight, and improvising was their way to learn. In the study we have made of the first twenty years of the Radio, we have observed that women are rarely mentioned as a true participant in the beginning of the transmissions in the country. Women, however, had an effective participation in radio programming. They led feminine programmes and seriously discussed their problems. They were aware of the Radio role in their lives. Those feminine programmes had a wide audience and they frequently became their partners.

Key-words: *Woman. Feminine. Radio.*

Depois que o último golpe de tesoura jogou ao chão a derradeira trança loura, a mulher sacudiu a cabeça e, levíssima, sorriu para o seu novo destino. A vida moderna deu-lhe vários presentes, entre eles a faculdade de poder caminhar com firmeza, pensar com seu próprio raciocínio e viver com a vida ganha pelas suas próprias aptidões. Aos poucos, ensaiando novos costumes – como novos passos de dança –, insinuou-se dentro de todos os centros de cultura e trabalho.

Arte e ciências foram experimentadas. Por último, o Rádio, uma descoberta novíssima, – atraiu-lhe a atenção. Curiosamente, apenas a princípio, a voz feminina aproximou-se do microfone, o qual, dócil aos seus caprichos, se tornou em pouco um dos seus maiores aliados. Logo surgiram em todas as partes do mundo locutores de vozes amáveis – novas speakers influídas com a profissão mais moderna do século. Dessa forma a Revista **Carioca**, 30 de janeiro de 1937, tratava a presença feminina no Rádio brasileiro.

Quando da primeira experiência de transmissão radiofônica no Brasil, setembro de 1922, várias mulheres já participavam da vida política, social e cultural do País. Pioneiras, estavam presentes em diversas manifestações, preocupando-se em mudar os acontecimentos de uma época.

O Rádio nasceu como um meio de elite e não de massa. No princípio tudo era realizado de forma amadora. Uma sociedade, um grupo de amigos que pagava uma determinada importância para sua manutenção. Os primeiros anos foram muito difíceis. A programação era baseada, praticamente, em música clássica e ópera, mescladas a discursos inflamados sobre a cultura e o progresso do País, a cargo de um elenco formado por intelectuais que trabalhavam como colaboradores. A presença feminina ficava restrita às professoras de música e canto que levavam suas alunas da sociedade para mostrar seus dotes artísticos.

Programas femininos têm espaço nos vinte primeiros anos do Rádio no Brasil

No início dos anos 30, as emissoras já começavam a se preocupar, de fato, com uma programação radiofônica mais elaborada. Não eram transmitidos apenas trechos de música ou discursos. Surgiram, nessa época, programas de vários gêneros. Entre eles estavam alguns dedicados ao público mais assíduo do Rádio: o feminino.

PROGRAMAS FEMININOS

Um programa feminino de muita repercussão na década de 30 era “A Voz da Beleza”, da PRA-3, Rádio Clube do Rio de Janeiro. Ia ao ar, diariamente, das 13 às 14 horas, sob o comando a locutora Léa Silva.

A revista *O Malho*, de 11 de junho de 1935, destaca que, entre os programas do gênero, “A Voz da Beleza” era considerado o melhor, segundo opinião unânime do público. “Através do espírito de Léa, torna-se o Rádio um objeto de primeira necessidade para a mulher que quer ser elegante e sedutora”. Num tom de crítica, a revista complementa dizendo: “um programa dedicado às mulheres e naturalmente pouco ouvido pelos cronistas de Rádio”.

A carreira de Léa Silva foi longa. A revista *A Cena Muda*, de 26 de fevereiro de 1946, destacava que a locutora parecia ter compreendido o verdadeiro sentido da radiodifusão, pois parou de ler as cartas elogiosas que recebia dos ouvintes e melhorou o nível do programa. “Hoje, Léa mudou. Efeito do tempo? Seu programa para o sexo frágil merece ser ouvido. Além de seus conselhos, toca músicas... é alguma coisa que se recomenda no Rádio carioca”.

A Rádio Transmissora do Rio de Janeiro apresentava, em 1937, “De Mulher Para Mulher”, comandado por Irma Gama. Um programa que promovia uma troca de conhecimento entre todas as mulheres, servindo ao mesmo tempo de guia e conselheiro. “Trabalhando e notando o trabalho de outras criaturas, lembrei-me um dia de organizar um programa radiofônico que trouxesse à mulher alguma utilidade”, declarou Irma para a revista *Carioca*, de 30 de janeiro de 1937. Havia, também, uma preocupação com a culinária, com a literatura, orientação psicológica pelo microfone ou particularmente para o endereço das ouvintes.

Uma mulher que teve seu nome sempre ligado à história do Rádio foi Ismênia dos Santos. Atuou em diversas atividades radiofônicas. No caso dos programas femininos, comandou o “Programa das Damas”, no qual lia crônicas e ensinava fundamentos sobre beleza, angariando um grande número de fãs. A revista *Carioca*, de 30 de janeiro de 1937, afirmava ter Ismênia “uma voz mansa e verdadeiramente feminil”, que agradava os ouvintes da PRE-8. Sobre seu

sucesso, declarou para a reportagem: “encontre-me à vontade dentro de minhas novas funções. É certo que existe uma grande diferença com o sucesso. Mas eu procuro sempre me aperfeiçoar. Gosto de saber quando estou agradando ou não. Entrei para o Rádio para ser uma artista. Já fiz “Sketes”, humorismo e canto. Acabando como *speaker* tenho a impressão de estar iniciando uma coisa nova”.

Outra locutora de destaque, que exerceu várias funções no Rádio, foi Ilka Labarthe. Entre seus programas mais conhecidos estava “A Hora Feminina”, da Cruzeiro do Sul, Rio de Janeiro. Em reportagem à *Revista da Semana*, de 20 de Junho de 1940, mostrou a importância de seu trabalho. Apresentou, como exemplo das cartas que recebia diariamente, a de uma ouvinte paralítica que tinha no Rádio o seu companheiro.

“Senhora, afastei todos de junto de mim, até mesmo a enfermeira que continuamente tenho ao meu lado, queria ouvir a sua resposta sozinha, como sempre estou, com minha dor. Fiz-me transportar para a sala de música, liguei o Rádio e recolhidamente escutei as palavras boas e humanitárias que me dirigiu. Seria hipocrisia confessar que meu amargor e meu sofrimento desapareceram. Mas as dores de outras criaturas que citou no programa são bem maiores que as minhas”. Para Ilka, a história dessa moça foi um caso doloroso; ela estava com 22 anos quando sofreu um desastre e ficou paralítica. Durante muito tempo trocou correspondência com a locutora e depois se tornaram amigas.

A Rádio Transmissora do Rio de Janeiro, em 1939, tinha dois horários dedicados ao público feminino. A locutora Sonia Veiga transmitia um programa após o meio-dia dirigido à mulher. E Marisa Salomão comandava “A Nossa Palestra”, programação com crônicas sociais, noticiários, comentários artísticos, além de conselhos de beleza.

A locutora Lourdes Moreira Ribeiro lançou vários programas no Rádio, entre 1936 e 1937. O “Programa Educativo”, na PRD-2, “Horas Literárias” e também o “Programa Feminino”, todos transmitidos pela Rádio Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro.

EMISSORAS PAULISTANAS

Em São Paulo, as Rádios também criavam seus horários dedicados às mulheres. O livro *Cronologia do Rádio Paulistano* cita que, em 1º de setembro de 1931, acontecia, na Rádio Record, o lançamento do “Hora do Lar”, dedicado às donas-de-casa. No comando estava a Senhora Blumenschein e o programa ia ao ar às segundas, quartas e sextas-feiras, das 13 às 13h15. Já em 3 de novembro

Programas femininos têm espaço nos vinte primeiros anos do Rádio no Brasil

de 1932, a Cruzeiro do Sul transmitia o “Hora Azul”, às quintas-feiras, às 19h45, com palestras sobre o lar, consultório sentimental, música e conselhos úteis.

Já em 10 de fevereiro de 1933, nascia na Cruzeiro do Sul o “Hora das Donas de Casa”, das 13 às 14 horas. Contava com músicas, informações sobre preços de mercadorias, cardápios organizados por Mr. Jaques, conselhos variados, crônica cinematográfica e também sessão de grafologia. No mesmo ano, a Educadora lançava o “Programa das Mãezinhas”, das 9h30 às 10 horas, dedicado às jovens mães, com conselhos sobre higiene, educação e alimentação infantil.

A Rádio Tupi de São Paulo estreava, em setembro de 1937, o “Jornal do Lar”, das 16 às 16h 30. No comando estava Maria Claudia; o programa mostrava assuntos de interesse feminino. No dia 11, desse mesmo mês e ano, a Educadora paulista lançava o “Alvorada”, com apresentação de Walter Forster, Maria de Lourdes Andrade e Alberto Cavalheiro. O programa ia ao ar das 7h30 às 19 horas e tratava de assuntos para a mulher e o lar.

Em 5 de dezembro, a Rádio Cosmos colocava no ar o “Vitória Régia”, das 13 às 14 horas. Em novembro do ano seguinte, a Cruzeiro do Sul lançava “Um Programa Para Você, Amiga Ouvinte”. No comando da atração estava Cacilda Varella, vencedora de um concurso organizado pela emissora.

Destaque - Uma artista que fez muito sucesso no Rádio foi Sagramor Scuvero. A revista *da Semana*, de 25 de maio de 1946, conta como tudo começou. A locutora chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1934. Já havia criado nas emissoras de São Paulo “um gênero inédito, certamente modernizado de programas femininos, aos quais soube imprimir um cunho altamente moral e uma finalidade construtiva”. Sagramor não se especializou apenas em ler páginas românticas ou dar conselhos de beleza e receitas culinárias, embora essas modalidades também constassem de seu trabalho cotidiano.

O programa de maior sucesso e que consagrou definitivamente a locutora foi “O Mundo Não Vale O Seu Lar”. A revista *A Cena Muda*, de 18 de agosto de 1946, explicava que Sagramor Scuvero criou com seus programas “uma verdadeira auréola de simpatia em torno do seu nome”. Era difícil encontrar alguém do “sexo frágil” que não fosse sua ouvinte obrigatória. Poetisa, escritora de livros infantis, radiofonizou, também, a vida dos grandes cientistas. Recebia um grande número de telefonemas e uma volumosa correspondência de seus fãs. Casou-se com seu colega de Rádio, o escritor e redator Miguel Gustavo. No dia da cerimônia religiosa, a igreja ficou superlotada e o centro da cidade do Rio de Janeiro parou.

Ao deparar com um anúncio na revista *da Semana*, de 20 de agosto de 1942, sobre as atrações apresentadas no Rádio por Sagramor Scuvero, diariamente,

às 13 horas, o leitor mais desavisado poderia pensar que se tratava de um, dos muitos programas femininos apresentados, atualmente, pelas emissoras de televisão.

O texto do comercial destacava: “Um Programa da sua PRA-9 para a Mulher Brasileira”. Segunda-feira: “Para Você, Mãezinha” – uma audição com tudo o que as mães deviam saber e um médico pediatra que respondia às consultas dos ouvintes.

Terça-feira: “Cozinhando pelo Rádio” – uma irradiação diretamente da cozinha de uma ouvinte com todos os ruídos e detalhes da feitura de um prato gostoso. Na quarta-feira: “Marcha Nupcial” – dedicado às noivas, ao enxoval, ao futuro lar, com o clube das Noivas que atendia às solicitações de modelos e sugestões.

Já na quinta-feira, era hora de “O Mundo Não Vale O Seu Lar”. Uma audição dedicada à solução das pequenas dificuldades diárias de um lar, com o clube da Economia, sugerindo planos de gastos e de tempo. E, no sábado, era a vez de “Moda, Elegância e Beleza”. As jovens contavam com conselhos de maquiador, cabeleireiro e um figurinista que respondiam sobre o tema “Qual o Seu Tipo”.

Além de atuar no Rádio, Sagramor Scuvero também escrevia crônicas na Imprensa. Registramos um exemplo do que era publicado e também do que era dito no Rádio, em “O Mundo Não Vale O Seu Lar”. O texto foi extraído da *revista da Semana*, 02 de fevereiro de 1943:

Diante da escuridão quase inimiga da noite que cai, você abre a janela. Está sozinha dentro do seu lar. Há uma tristeza em seus olhos, que quase querem chorar, e em seus lábios excitantes.

Você casou sonhando por aquela noite na poltrona, uma conversa amiga e afetuosa. E muitas vezes foi assim... mas nesse instante tudo falhou, a noite caiu, a poltrona está vazia, o abajur apagado, as crianças dormindo. E ele, o senhor desse lar, encontrou um amigo, uma conversa, uma mesa no bar da esquina.

Vamos... guarde essa vontade de chorar! Abra seus lábios num sorriso. Você, a mulher mais bem acompanhada do mundo, pensando que está sozinha!

Olhe bem a noite que vai lá fora e as pessoas que se cruzam dentro dela. Deixe alerta seus sentidos e ouvirá os ruídos que chegam da noite e moram na serenidade perfumada de seu jardim. Ouça-os...

Choro? Choro, sim! Num berço qualquer, velho e gasto, há uma criancinha chorando. Talvez a fome, talvez uma doença, que nem sabe descrever.

Programas femininos têm espaço nos vinte primeiros anos do Rádio no Brasil

Soluços? Soluços, sim. Uma mulher que dentro da noite tem um pedacinho de lua num quarto qualquer, muitos nomes de homem na sua história e nenhum dentro de sua vida. E não pode fechar uma janela para as sombras da noite, porque, as sombras estão ao seu lado dentro do quarto poder.

Gemidos? Gemidos, sim. Alguém que sofre, dentro da noite a dor de um açoite, talvez no rosto, talvez na alma. O açoite, que não encontrou o ânteparo de um teto, cai fatalmente sobre as criaturas.

... E os seus olhos têm quase vontade de chorar! Primeiro peça licença às vozes que chegam da noite. Você, que tem leite quente e pão fresco em sua cozinha. Antes de chorar e se sentir infeliz, peça licença às criancinhas que choram fome e desabrigo.

Você, que tem um homem forte por você, filhos, um lugar agradável na vida social de todos, um lar que fecha portas e janelas para o mundo mau, antes de soltar suas lágrimas peça desculpas à mulher que sofre.

... E, antes de lastimar a grande infelicidade de estar sozinha neste começo de noite, peça licença àqueles que vivem e caminham sozinhos, tendo somente a companhia das tempestades, das lutas, das amarguras...

É mais fácil, mais doce e mais amigo guardar a vontade de chorar e mandar para os lábios um sorriso bom. E se alguma coisa ficar de triste e amargo no seu coração, que seja a piedade pelas vozes que não podem dizer como a sua – “O Mundo Não Vale O Meu Lar”.

Durante o período de 1923 a 1943, muitas mulheres se destacaram nas mais diversas atividades. Enfrentaram desafios de uma época em que o trabalho feminino era restrito ao lar. Porém, não permaneceram omissas, uma vez que buscaram, nas mais variadas atividades, conquistar um espaço marcante na história.

Paralelamente, nesse período, o Rádio nascia com o objetivo principal de difundir a cultura e informar para formar. Esse poderoso veículo de comunicação, por meio do som e das vozes, mexia com a fantasia e o sonho de seus ouvintes. Quando de sua implantação no Brasil, os artistas precursores lutaram com muitas dificuldades. Tudo era novidade e a improvisação foi a escola daqueles que optaram pela carreira radiofônica.

Ao analisar os programas femininos nos 20 primeiros anos do Rádio, nota-se claramente que quase nada mudou na programação dedicada à mulher, transmitida atualmente pelas emissoras de televisão. Mas, certamente, os temas apresentados eram arrojados para a época.

Poucas mulheres que atuaram no início do Rádio conseguiram o reconhecimento da sociedade. Suas vozes ficaram esquecidas num texto qualquer de uma velha revista e se perderam na memória dos estudantes e profissionais de comunicação.

Temos certeza de que o levantamento realizado é apenas uma etapa, um início para futuros trabalhos. Não é uma pesquisa ufanista sobre o Rádio e a mulher. É, sim, um retrato de um período, no qual um grande número de artistas valorizou a cultura brasileira.

O desejo de Roquete Pinto não foi em vão. O Rádio e seus artistas provaram, ao longo dos anos, que o sonho de transmitir emoções foi conquistado. Que a esperança de unir todas as regiões e encurtar distâncias pela palavra é uma realidade.

Um país só poderá ser realmente grande quando souber valorizar seus filhos, não só resgatando a dignidade do ser humano, como também reconhecendo a cultura de seu povo. Que a história de nossos artistas sirva de incentivo e estímulo para o nosso crescimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMIRANTE, pseud. de Henrique Foréis Domingues. *No tempo de Noel Rosa*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1963.
- CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- CABRAL, Sérgio. *No tempo de Ari Barroso*, Rio de Janeiro: Lumiar, 1993.
- CARVALHO, Nanci Valadares (org.). *A condição feminina*, São Paulo: Vértice, 1988.
- D'AVILA NETO, Maria Inácia. *O autoritarismo e a mulher*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- FANUCCHI, Mário, Apostila do Curso "O Rádio e a TV nos Anos 50: Transição", realizado na ECA-USP, 1º semestre de 1990.
- FERRAZ SAMPAIO, Mario. *História do Rádio no Brasil e no mundo. Memórias de um pioneiro*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- FREDERICO, Maria Elisa Bonavita. *História da Comunicação. Rádio e TV no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1982.
- GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, São Paulo: Paz e Terra, 1981.

Programas femininos têm espaço nos vinte primeiros anos do Rádio no Brasil

- HAHNER, June. *A mulher no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LOPES, Saint-Clair. *Comunicação – Radiofusão hoje*, Rio de Janeiro: Temário, 1970.
- MURCE, Renato. *Nos bastidores do rádio – fragmentos do rádio de ontem e de hoje*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- ORTRIWANO, Gisela S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, São Paulo: Summus, 1985.
- PIRES, Thyrso. *Rádio Almanaque Paulistano*, São Paulo, nº 01, janeiro de 1951.
- ROCHA, Vera Lucia e HERNANDES VILA, Nanci Valença. *Cronologia do rádio paulistano: anos 20 e 30*, São Paulo, CCSP/Divisão de Pesquisas, 1993, volume 1.
- SANTORO, Luiz. *Rádios livres: o uso popular da tecnologia*, In: *Comunicação e Sociedade*, São Paulo: Cortez, 1982.
- SAROLDI, Luiz C. e Moreira, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional, o Brasil em Sintonia*, Rio de Janeiro: Funarte INM/DMP, 1984.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: do Gramofone ao Rádio e à TV*, São Paulo: Ática, 1981.
- VÁRIOS AUTORES. *Actores e Actrizes*, Rio de Janeiro, Oficinas de Obras Graphico das S/A à Noite, ano 1940, 1ª edição.
- TESSER, Tereza Cristina Tesser. *De passagem pelos estúdios: A presença feminina no início do Rádio no Rio de Janeiro e São Paulo*, dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, maio, 1995.

REVISTAS

- Revista *A Cena Muda*, Coleção de 1942 a 1950, Rio de Janeiro.
- Revista *Carioca*, 1935 a 1937, Rio de Janeiro.
- Revista *da Semana*, 1935 a 1946; 1951 e 1955; Rio de Janeiro.
- Revista *O Malho*, 1934 a 1939, Rio de Janeiro.
- Revista *Propaganda*, “Os anos do Rádio”, ano 27, nº 327, São Paulo, janeiro de 1983.
- Revista *Walkyrias*, agosto de 1934 a dezembro de 1943, Rio de Janeiro.